

**IDEOLOGIA E EFEITOS DE SENTIDO: UMA ANÁLISE
DIALÓGICA DO DISCURSO SOBRE O NEGRO NAS CANÇÕES
“A MÃO DA LIMPEZA E IDENTIDADE”**

Aline Saddi Chaves (UEMS)

alinechaves@uems.br

Vanuza dos Santos Lima (UEMS)

vanuzdlima@gmail.com

Wélida Alves (UEMS)

welida.alves@hotmail.com

RESUMO

Tendo por fundamentação teórica as concepções do Círculo de Bakhtin-Volochinov sobre o signo linguístico como arena de luta de classes e do dialogismo como princípio inerente à linguagem, este artigo propõe a análise dialógica das canções “A mão da limpeza”, de Gilberto Gil e Chico Buarque, e “Identidade”, de Jorge Aragão. É possível perceber o protesto contido na primeira canção, lançada em 1984, e na segunda, lançada em 1992, ao questionarem a posição ocupada pelo negro na sociedade pós-abolição. Explorando o diálogo estabelecido entre as músicas analisadas e a recorrência dessa voz de protesto, objetiva-se demonstrar os efeitos de sentido e a ideologia presentes nas canções, por meio do cruzamento de discursos que denotam a realidade vivenciada pelo negro em diferentes épocas, em diálogo com o momento atual.

Palavras-chave:

Ideologia. Discurso sobre o negro. Análise dialógica do discurso.

1. Introdução

De acordo com o pensamento de Bakhtin-Volochinov (2006) e seu Círculo, o signo ideológico é arena de luta de classes sociais e é isso o que lhe traz vida e mobilidade. Nessa perspectiva, analisa-se, neste artigo, a partir das canções *A Mão da Limpeza*, de Gilberto Gil e Chico Buarque, e *Identidade*, de Jorge Aragão, o embate de vozes que protestam a respeito da posição ocupada pelo negro na sociedade brasileira enquanto era escravizado e, no período pós-abolição.

Parte-se do pressuposto de que tudo o que se enuncia e todo objeto que se dá por conhecer já chega envolto em outros discursos; o que é dito hoje, já foi dito anteriormente. Dessa forma, tudo o que se diz e aquilo que se interpreta do mundo está em constante diálogo com as vozes que circun-

dam e se interiorizam nos sujeitos.

Ao analisar as canções, buscou-se compreender seus efeitos de sentido, de forma a tornar possível identificar as diversas vozes que as constituem e a expressão do que é dito, implícita e explicitamente, ampliando significados e relacionando discursos que se entrelaçam no interior do texto e para além dele.

Por meio da análise dos efeitos de sentido dessas canções, torna-se possível, ainda, depreender como a ideologia presente na época em que o negro era escravizado ainda dialoga e movimenta discursos pós-abolição.

Os conceitos de dialogismo, ideologia e gêneros do discurso são abordados pelo viés da perspectiva da análise dialógica do discurso, no intuito de embasar as análises do corpus, que visam, em última instância, a provocar a reflexão sobre o funcionamento do discurso no que diz respeito aos efeitos de sentido, à ideologia e ao dialogismo.

2. A Análise Dialógica do Discurso

O conceito dialógico da linguagem está no centro dos estudos do Círculo de Bakhtin. Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin-Volochinov (vai depender da edição/verifique) afirmam que a linguagem é dialógica por natureza e que todo discurso é, ao mesmo tempo, precedido e sucedido por outros discursos, ou seja, todo discurso é dialógico. E o dialogismo acontece na relação entre os enunciados, na forma em que eles correspondem. Fiorin (2006) explica que:

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado numa esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra resposta está empregada aqui no sentido lato) ; refuta-os, confirma-os, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou outro, conta com eles. (FIORIN, 2006, 27)

Neste sentido, é possível compreender que o discurso não mantém uma relação direta com o seu objeto, mas sim com outros discursos, proferidos antes ou depois dele. Entende-se que os discursos formam uma cadeia ou ciclo; um está presente no outro, bem como complementando o outro: “portanto, no enunciado ouvem-se sempre, pelo menos duas vozes” (FIO-

RIN, 2016, p. 27), ainda que uma dessas vozes não seja explicitada no texto/discurso.

No entanto, a análise dialógica não se preocupa apenas com o diálogo em si, mas com todo seu contexto, conteúdo e significações, como veremos nos tópicos a seguir.

DIALOGISMO E MONOLOGISMO

O Círculo de Bakhtin traz um novo olhar para os estudos da linguagem, contestando, inicialmente, a orientação linguística que tinha força entre os estudiosos da época: a concepção de língua como um sistema estático, homogêneo e estrutural. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin-Volochinov (2006) apresenta duas concepções principais e opostas ao que é proposto na referida obra. Sobre essas orientações o autor escreve:

Encontramo-nos e m presença de duas orientações principais no que concerne à resolução de nosso problema, que consiste em isolar e delimitar a linguagem como objeto de estudo específico. Isso acarreta, por suposto, uma distinção radical entre estas duas orientações para todas as demais questões que se colocam em linguística. Chamaremos a primeira orientação de “subjetivismo idealista” e a segunda de “objetivismo abstrato”. (BAKHTIN-VOLCHINOV, 2006, p. 71)

As orientações citadas centram-se em uma ótica associada ao psicologismo e ao individualismo. O subjetivismo idealista tem a linguagem como a representação do pensamento, como enunciação monológica isolada, e ainda, como um ato de criação individual. Já o objetivismo abstrato compreende a linguagem como instrumento de comunicação, mas a língua, que dá corpo à comunicação verbal entre os seres humanos, é definida como um sistema abstrato de formas.

Bakhtin-Volochinov criticam as duas orientações, pois compreendem que o objetivismo abstrato, ao considerar apenas o sistema linguístico como responsável pelos fatos de língua, rejeita a enunciação, ou seja, o contexto imediato do discurso, o que altera consideravelmente os significados e sentidos das palavras e enunciados. Por outro lado, o subjetivismo idealista considera a fala como um ato individual, pois, segundo os autores, o ato de fala não pode ser de forma alguma individual: a enunciação é de natureza social.

A partir da crítica tecida por Bakhtin-Volochinov às orientações do

pensamento que imperavam à época, principalmente, à concepção da expressão da linguagem como discurso monológico, conforme à segunda orientação, é estabelecida uma nova concepção: a de que todo discurso é social, permeado e habitado por diversas vozes. A esse respeito, Bakhtin-Volochinov afirma:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar; com ele de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN-VOLOCHINOV, 2006, p. 88)

Cabe ressaltar que o termo “dialogismo”, para o Círculo de Bakhtin, apresenta uma amplitude maior com relação à noção de diálogo em face a face, pois não se limita às formas composicionais das narrativas escritas, representando as falas dos personagens, e nem às formas composicionais do diálogo em face a face, ou seja, a uma concepção restrita de diálogo. De acordo com Fiorin (2009, p. 61), “o círculo de Bakhtin se ocupa não com o diálogo em si, mas com o que ocorre nele, isto é, com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito”. O autor ainda destaca que:

Todo enunciado é dialógico. Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se ao menos duas vozes. (FIORIN, 2009, p. 24)

Dessa forma, o autor destaca que tudo o que se enuncia nasce a partir da perspectiva de outras vozes. E ainda, que esses enunciados constroem-se em réplica a enunciados já proferidos, e supõem enunciados-resposta. Segundo esse pensamento, o individualismo e o purismo do enunciado não existem, pois, para Bakhtin-Volochinov:

Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra em um mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que dela pode se afastar. (BAKHTIN-VOLOCHINOV, 2006, p. 88)

Portanto, tudo o que se enuncia e todo objeto que se dá por conhecer já chega envolto de outros discursos; o que é dito hoje, já foi dito anteriormente. Desse modo, tudo o que se diz e aquilo que se interpreta do mundo está em constante diálogo com as vozes que circundam e se interiorizam no

sujeito, materializando-se em texto/enunciados.

O fenômeno social da interação

Problematizando a teoria monológica proposta na segunda orientação, a partir de seu posicionamento contrário à teoria da expressão – a qual postula certa superioridade ao que é interior, excluindo qualquer interferência exterior, haja vista que, conforme é destacado em *Marxismo e Filosofia*, a expressão é tudo aquilo que, tendo se formado no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se com o auxílio de um código de signos –, Bakhtin-Volochinov defende que:

O centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação. (BAKHTIN-VOLCHINOV, 2006, p. 114)

Para Bakhtin-Volochinov, a situação social mais imediata determina as condições da enunciação, ou seja, é a situação que dá forma à enunciação. O grau de consciência, clareza e acabamento formal da atividade mental é proporcional ao grau de orientação social. Dessa forma, o mundo interior adapta-se à expressão, e isso acontece por meio da interação.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *enunciação verbal*, realizada através da *enunciação* e das *enunciações*. *A interação verbal constitui assim a substância fundamental da língua*. (BAKHTIN-VOLOCHINOV, 2006, p. 125)

Assim, a enunciação é submetida à orientação social e aos interlocutores, por esse motivo, para Bakhtin-Volochinov (2006, p. 114), “o centro formador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”. Ele ainda expõe que:

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definida. (BAKHTIN-VOLCHINOV, 2006, p. 115)

Ante a citação acima, percebe-se que toda expressão acontece de forma orientada e molda-se ao auditório em questão, não podendo ultrapassar

sar as fronteiras citadas para que haja o entendimento mútuo na comunicação, ou seja, o que expressamos não se forma em nosso interior e simplesmente é expresso; de modo contrário, tudo é orientado pelo auditório e pelo contexto em que estamos inseridos.

Em cada situação há um sentido diferente para o que é dito, sentido esse que é alterado de acordo com os posicionamentos ideológicos, os conhecimentos artísticos, científicos e a vivência social de cada grupo ou pessoa a que se destine o enunciado. Completando esse pensamento, o autor ainda assevera que:

Toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. (BAKHTIN-VOLOCHINOV, 2006, p. 125)

Portanto, a palavra é produto vivo da interação, e a partir dela cria-se uma ligação entre falante e destinatário.

IDEOLOGIA E EFEITO DE SENTIDO

Ao pensarmos no significado da palavra “ideologia”, logo a entendemos como uma opinião ou crença que sustentamos ao longo de nossas vidas, ou um valor que carregamos. A ideologia está ligada às ideias, pensamentos e visões de mundo de um indivíduo ou de um determinado grupo social. Fiorin (2005), linguista estudioso das relações entre o texto e o discurso, nos ajuda a entender melhor esse conceito quando define ideologia como uma visão de mundo de uma classe social, o modo como uma determinada classe explica sua realidade.

Observamos, assim, que, em uma dada formação social, existem tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, uma vez que todas deixam marcas de sua visão de mundo, valores e crenças, ou seja, de sua ideologia, no uso que fazem da linguagem. A partir desse conceito, Fiorin (2005) também explica que não há conhecimento neutro, já que o conhecimento sempre expressa um ponto de vista de determinada sociedade: “o indivíduo não fala e não pensa o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale” (FIORIN, 2005, p. 43).

Por essa concepção teórica, pode-se concluir que nenhum indivíduo é livre ideologicamente, pois todas as suas ideias e pensamentos são influenciados pelo contexto social no qual se está inserido.

Na disciplina francesa da análise do discurso, a ideologia é compreendida como a ideologia da classe dominante. Vimos que a ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é um conjunto de ideias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores. Por isso, diz-se que “ela é determinada, em última instância, pelo nível econômico” (FIORIN, 2005, p. 30). Isso significa, então, que o modo de produção determina as ideias e os comportamentos dos homens, e não o contrário. Fiorin (2005) destaca, porém, que é preciso não ver o nível ideológico como simples reflexo do econômico, pois “ele tem seu conteúdo próprio e suas próprias leis de funcionamento e desenvolvimento” (FIORIN, 2005, p. 31). Isso significa que não existe determinação direta e mecânica da economia, mas uma determinação bastante complexa.

A ideologia forma e é formada por meio da realidade e, com base nisso podemos afirmar, então, que a linguagem é o reflexo da realidade, visto que a comunicação humana, no dia a dia, dá-se por meio da linguagem. É por meio da linguagem que interpretamos a realidade que nos cerca, porém trata-se de uma interpretação construída historicamente, a partir de uma série de filtros ideológicos que todos nós temos, mesmo sem nos darmos conta de sua existência. Esses filtros constituem uma formação ideológica, que é um conjunto de valores e crenças a partir dos quais julgamos a realidade na qual estamos inseridos.

A partir dos estudos em análise do discurso, busca-se compreender e interpretar os discursos a fim de reconhecer a ideologia contida nos textos. Desse modo, identificamos a palavra não apenas como um fragmento gramatical, analisado fonética, morfológica e sintaticamente, mas como um signo dotado de sentidos e ideologias, orientado pelo contexto imediato em que é produzido, e pelo contexto mais amplo da história. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin-Volochinov pontua que:

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial.* (BAKHTIN-VOLOCHI-NOV, 2006, p. 96)

Nessa perspectiva, entende-se que toda palavra, apesar de neutra, pode ser preenchida de ideologia, algo que ultrapassa os significados estabelecidos dos dicionários, pois, ao enunciar, o falante não se orienta pelas normas gramaticais ou por significados únicos; em vez disso, ele preenche a palavra de sentido, de acordo com sua entonação, colocação e, sobrema-

neira, o contexto em que enuncia. Assim como ratifica Brait (2005):

O falante ao dar vida à palavra com sua entonação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação da realidade viva. (BRAIT, 2005, p. 178)

Portanto, assim como afirma Bakhtin-Volochinov em *Marxismo e filosofia da linguagem*, todo signo é ideológico, pois sem ele não há ideologia. A representação ideológica é dada semioticamente: “O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes, ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico” (Bakhtin-Volochinov, 2006, p. 30). Além disso, para os filósofos russos, o signo não pode ser visto como derivado da consciência individual, pois é construído em sociedade e em constante interação entre indivíduos socialmente organizados; trata-se da materialização da comunicação social, tomado de cargas ideológicas.

A fim de compreender melhor o conceito de ideologia, cabe citar Faraco (2009):

Nos textos do círculo, a palavra **ideologia** é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura **imaterial** ou produção **espiritual** (talvez como herança de um pensamento idealista) ou, igualmente, de formas de consciência social. (FARACO, 2009, p. 46) (Grifos do autor)

Em Bakhtin-Volochinov, a ideologia é concebida como um conjunto de ideias valorativas geradas por meio da interação, que leva o homem a uma tomada de posição, e divide-se em ideologia oficial e ideologia do cotidiano, pois o autor trafega entre a estabilidade e a instabilidade. Sobre essa divisão de ideologia, Brait (2005) pontua que:

A ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que brota e é construída nos encontros casuais e furtivos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução de vida. (BRAIT, 2005, p. 168-9)

Sobre esta citação, reitera-se o caminhar de Bakhtin-Volochinov sobre a estabilidade da ideologia oficial e a instabilidade da do cotidiano, pontuando que a ideologia dominante, ou seja, a oficial, está em constante jogo com a ideologia do cotidiano; enquanto algo é imposto estavelmente, a ins-

tabilidade gerada pela discussão e interação na ideologia do cotidiano pode estabelecer uma subversão.

Para Bakhtin-Volochinov (2006), o signo ideológico funciona como uma arena de luta de classes sociais, todo signo é social e é esse aspecto que dá mobilidade e vida ao signo; empregando uma mesma língua, várias classes sociais confrontam-se a partir da interação.

Gêneros do discurso no pensamento do círculo

Na antiguidade clássica, a noção de gênero do discurso era relacionada aos textos reconhecidos por seu valor artístico, como os textos literários, mas, a partir da filosofia bakhtiniana, é possível compreender a língua como atividade humana de sujeitos inseridos em diferentes esferas sociais. Os gêneros do discurso estão constantemente presentes em nossas vidas, e se formam nas relações sociais das mais diferentes esferas da comunicação, como se observa:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Quando se fala em gênero, refere-se à multiplicidade, aos diversos usos da linguagem em diferentes campos da atividade humana, cada enunciado está intrinsecamente ligado e reflete um determinado campo, de acordo com o tema enunciado, o estilo e a composição.

Para Bakhtin (2003), os enunciados são determinados pela especificidade dos campos de comunicação. À organização de tipos relativamente estáveis de enunciados, o autor chama de gêneros do discurso. Cabe destacar que, para ele, isso não retira a particularidade individual do signo.

Com o crescimento dos campos de atividade humana, cresce também a necessidade de comunicação e assim nascem os gêneros do discurso, para atender às especificidades dessas esferas.

Analisando a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin, Brait (2013) enfatiza que, para o filósofo, os gêneros nascem a partir da prosificação da cultura letrada, ou seja, estão presente no discurso e na interação do cotidiano.

Bakhtin (2003) destaca a riqueza e diversidade dos gêneros, tendo em vista as infinitas possibilidades, diversidade e riqueza da atividade humana. Ainda, o autor justifica a diversidade de gêneros:

A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social, e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros, paralelamente, a formas familiares, e além disso de diversos graus de familiaridade, e formas íntimas (estas são diferentes das familiares). (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Diante da multiplicidade dos gêneros, o autor os classifica em primários e secundários, conforme explicado na citação seguinte:

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicitários, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Aos gêneros mais complexos e elaborados, o autor chama de secundários, e aos mais presentes no discurso cotidiano e na fala dos sujeitos, ele dá o nome de primários, ou seja, gêneros simples. Além disso, esses gêneros frequentemente se fundem no processo em que gêneros secundários se utilizam de primários. Pode-se dizer que os gêneros discursivos são orientados pelas situações de comunicação, que exigem conhecimento dos diversos gêneros.

Podemos notar, até aqui, que há três elementos intrinsecamente relacionados na atividade de linguagem: língua, enunciado e gênero discursivo. Estes fatores são indispensáveis ao bom funcionamento da comunicação, a qual se realiza por meio de gêneros do discurso, isto é, um feixe de enunciados com características relativamente estáveis, como o tema, as escolhas linguísticas e a composição textual.

3. Análise das Canções

De acordo com Maingueneau (2004), a canção é um gênero discursivo instituído de modo III, ou seja, sempre busca inovar em suas composições, para captar um público que não lhe é cativo, dando-lhe uma identidade em harmonia com aquela fornecida por sua instância autoral. O autor da

música pretende, por meio dela, mostrar sua ideologia.

A fim de exemplificar o aporte teórico desta pesquisa, passaremos à análise dialógica de duas canções brasileiras que têm como discurso o preconceito racial contra o negro. As canções apresentam um protesto, falam sobre o preconceito ainda existente após a abolição da escravatura. Veremos que as canções dialogam entre si, bem como dialogam com acontecimentos diários e históricos.

O tema em comum nas canções selecionadas é latente em nossa sociedade, desde os primórdios da Constituição brasileira, as músicas nos transportam para acontecimentos históricos, bem como nos alerta sobre a realidade do preconceito em nossa sociedade.

A primeira canção selecionada para análise foi escrita e gravada pelos cantores da MPB (música popular brasileira) Gilberto Gil e Chico Buarque, celebrizados pelas letras que dialogam com diferentes assuntos que circulam na sociedade brasileira. Lançada em diferentes discos desde 1984, a canção “A mão da limpeza” traz um conteúdo que, segundo um dos autores, é uma resposta a um velho ditado: “negro, quando não suja na entrada, suja na saída”. Segundo Gilberto Gil:

Eu fiz *A mão da Limpeza* para repor certas coisas no lugar e remendar o preconceito histórico contra os negros; para responder, no mesmo tom, um desaforo – o velho ditado: ‘Negro, quando não suja na entrada, suja na saída’. (GILBERTO GIL, www.gilbertogil.com.br/sec_disco_info.php?id=236&letra)

A mão da limpeza (Chico Buarque e Gilberto Gil)

O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Que mentira danada, ê

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o negro penava, ê

Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão
De quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza

Negra é a vida consumida ao pé do fogão
Negra é a mão
Nos preparando a mesa
Limpando as manchas do mundo com água e sabão
Negra é a mão
De imaculada nobreza

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
Eta branco sujão.

Logo na primeira estrofe, o cantor afirma que tal discurso sobre o negro foi inventado pelo branco. O ditado em questão denota que o negro sempre fará algo errado, no início ou no final de uma ação, colocando-o em posição de incapacidade. No entanto, o cantor afirma que se trata de uma mentira (*Que mentira danada, ê*). Ainda analisando a primeira estrofe da canção, nota-se que ao usar a expressão “ê”, própria do vocabulário do negro, pressupõe-se que quem enuncia é o próprio negro.

Na segunda estrofe, o compositor remete a questões históricas que nos transportam aos tempos de escravidão, demonstrando o sofrimento do negro, por meio da palavra “penava”, que sempre estava a serviço do branco em afazeres domésticos, no entanto, podemos ir além das questões domésticas, interpretando a questão do limpar a sujeira do branco também nas questões de construção do país, ou seja, da mão de obra negra para a constituição do Brasil.

A partir da terceira estrofe, o autor da canção faz um breve traçado histórico, ao mencionar que, mesmo após a abolição da escravatura, o negro continuou realizando os trabalhos referentes à limpeza, fato que perdura até os dias atuais. Nesta estrofe, já se inicia uma afirmação que contradiz o que é exposto no ditado mencionado, pois os últimos versos dizem que “Negra é a mão de quem faz a limpeza e é a mão da pureza”. Ou seja, o compo-

tor enfatiza que o negro não tem a sujeira produzida pelo branco, porque aqui podemos ultrapassar o sentido da palavra “sujeira” e relacioná-la a ações erradas cometidas pelo branco desde a colonização, com destaque para a escravização do índio e do negro.

Na quarta estrofe, o autor ratifica a posição do negro, de que muitos passam grande parte da vida trabalhando para brancos. Fica mais evidente a culpa que é atribuída ao branco pela “sujeira”, que o negro desde os primórdios precisa limpar. Ao dizer, no quarto verso, “limpando as manchas do mundo com água e sabão”, acredita-se também no sentido e significado implícito a essa expressão, que não se trata apenas da sujeira física, ou visível, mas de fatos histórico.

Por fim, na quinta estrofe, fica mais evidente a relação com o período da escravidão, que continua presente. Assim, apesar da abolição, o negro é aquele que, desde o início, limpa a sujeira causada pelo branco, traz a mão de obra para a construção do país. Aqui ainda haja a abertura para que aquele que ouve a música imagine as sujeiras, o que evidencia que estamos falando da sujeira conotativamente, e ela pode ser relacionada aos atos negativos do homem branco.

Podemos observar o diálogo presente entre a canção de Gilberto Gil e o ditado popular mencionado. A canção, como já citado anteriormente, surgiu em resposta ao ditado. Além disso, podemos perceber o diálogo com acontecimentos históricos inerentes à sociedade negra, como a escravidão e o uso de vocabulários próprios. O autor da canção defende, por meio da música, a sua cor, sua raça e sua história, enfim, sua ideologia. Sendo assim, podemos interligar a análise à teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin.

A segunda canção analisada, do sambista Jorge Aragão, é intitulada “Identidade” e foi lançada no ano de 1992. Nesta canção o autor traz uma alerta para que os negros não se submetam ao racismo, mas que sejam firmes em suas atitudes de combate ao racismo em nossa nação.

Identidade (Jorge Aragão)

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai...

Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história

(2x)

Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade

A canção retrata de forma geral o preconceito racial. Mas, diferente do que se imagina, a canção não traz necessariamente um protesto aos brancos, mas sim uma mensagem de alerta aos próprios negros, mostrando-lhes que atitudes diferentes serão protestos mais eficazes no cotidiano.

Como vimos ao longo dos tópicos teóricos deste artigo, a palavra, o discurso é algo simbólico, portador de ideologias, e a análise do discurso é uma disciplina teórica que propõe a análise dos mecanismos linguísticos de veiculação das ideologias, questionando situações habituais, e permitindo interpretar o que há para além de um discurso. Para tanto, é importante observar alguns elementos importantes, como: o contexto em que o discurso foi produzido, o que inclui o local, a época e o sujeito produtor do enunciado. No corpus escolhido, ao conhecer o contexto histórico em que a música foi composta, compreendemos o que o autor propõe como reflexão, muito embora se trate de uma canção atemporal, visto que até hoje presenciamos situações de preconceito racial.

O título da música, “Identidade”, após conhecer o conteúdo da canção, faz-nos compreender que o autor busca trabalhar o posicionamento do negro na sociedade. Veremos que tudo irá se encadear com todo o restante do texto.

Na primeira estrofe da canção, o autor usa vocábulos que remetem ao real sentido e significado que ele deseja expressar: “Elevador é quase um templo, exemplo pra minar teu sono”. Na década de 1990, elevadores existiam apenas em prédios luxuosos, não eram tão populares como nos dias de hoje. Na canção, o autor associa o elevador a um templo, ou seja, algo acontece no elevador “religiosamente”. Já o trecho “exemplo pra minar teu sono” remete à ideia de que a pessoa para quem a música foi feita sente-se preocupada quando precisa usar um elevador, seja no seu próprio condomínio, seja no trabalho, etc. Na mesma estrofe, o autor já inicia seu alerta,

empregando o modo imperativo: “Sai desse compromisso, não vai no de serviço se o social tem dono, não vai...”. Este verso nos leva à compreensão de que a pessoa para quem a música foi criada sente-se preocupada em usar um determinado elevador, no entanto, o sambista o alerta para não se preocupar: “Não vai no de serviço, se o social tem dono”, ou seja, use o que é seu por direito.

Ainda na primeira estrofe, podemos analisar a questão do elevador ligada ao espaço ocupado pelo negro. E dialoga com um dos preconceitos ainda sofridos atualmente pelo negro, impedido de utilizar o elevador social, pois é sempre colocado no papel de prestador de serviços. No entanto, aqui, o negro é chamado a resistir a esse preconceito.

Na segunda estrofe, o negro é chamado a resistir ao preconceito. Ao afirmar no primeiro verso desta estrofe “Quem cede a vez não quer vitória”, nos transmite a ideia de que o negro, muitas vezes para evitar um conflito em uma situação de preconceito racial, não frequenta determinados lugares, se omite de determinadas situações sociais, então o sambista o convoca a lutar contra o preconceito racial; em busca da vitória, deve-se encarar tais situações, e não evitá-las. Ao destacar serem “filhos de todo açoite”, dá destaque ao seu percurso histórico, principalmente, a questão da escravidão. O termo “açoite”, segundo o dicionário, é um instrumento de tiras de couro que serve para castigar; o azorrague, ou chicote, era o instrumento utilizado para castigar os negros. Ao dizer que são filhos de todo açoite, refere-se aos antepassados. E no último verso, ao dizer “fato real de nossa história”, afirma sobre a escravidão, um fato real ocorrido no Brasil e na história da comunidade negra.

Na terceira estrofe, o compositor traz uma reflexão sobre a identidade do negro, pois a questão da raça é, muitas vezes, negada. Um exemplo é a questão do próprio termo “negro” e do receio que as pessoas têm em utilizá-lo. Tanto negros como brancos; os negros no sentido de se declararem negros e sofrerem preconceitos, o que os faz se esconder em categorias como pardos, por exemplo, e os brancos de dirigirem-se a um negro como “negro”, tendo em vista a concepção de que esse termo soaria pejorativo. Percebe-se que ser negro é carregar consigo inúmeras ideologias, por esse motivo, tanto negros quanto brancos buscam um afastamento da raça, o que, segundo o compositor, não resgata a dignidade do negro e só traz mais sofrimento, a partir da negação da raça e da própria história.

Nesta canção também é possível observar o diálogo com fatos histó-

ricos, e mais, com notícias comuns no dia a dia. Casos de racismo em elevadores são propagados frequentemente nas mídias, desde a década de criação da canção até os dias atuais. Além disso, há um diálogo com a expressão “*negro de alma branca*” um dito popular desde o Brasil Colônia. A canção responde que pessoas que compactuam com essa expressão não contribuem para a exterminação do preconceito racial, mas aumentam o sofrimento dos negros e não resgatam essa identidade.

Considerações finais

De acordo a concepção dialógica da linguagem, o signo ideológico é arena de luta de classes sociais e é isso que lhe traz vida e mobilidade. Nessa perspectiva, faz-se necessário entender a ideologia construída ao longo da história em relação ao negro, o que tornou possível analisar as formações discursivas contemporâneas, entendendo mais profundamente as vozes que puderam permeá-las.

A construção linguística que fazemos ao enunciarmos sobre o negro na contemporaneidade dialoga com enunciados precedentes e sucessivos. E nessas construções, a todo o momento, estão presentes o que Bakhtin denomina de forças centrífugas e centrípetas, a primeira, atuante no sentido de centralizar, generalizar e estabilizar o enunciado, e a segunda no sentido de dinamizá-lo e relativizá-lo. Para Fiorin:

Com os conceitos de forças centrífugas e centrípetas, Bakhtin desvela o fato de que a circulação das vozes numa formação social está submetida ao poder. Não há neutralidade no jogo das vozes. Ao contrário, ele tem uma dimensão política, uma vez que as vozes não circulam fora do exercício do poder: Não se diz o que se quer, quando se quer, como se quer. (FIORIN, 2009, p. 33)

Diante do exposto, na análise da situação do negro em duas canções da MPB, encontramos no discurso um diálogo constante entre passado, presente e futuro, e forças que tentam estabilizar e desestabilizar enunciados constituídos. Assim, a canção *A mão da limpeza* busca desestabilizar um enunciado instituído, o ditado *Negro quando não suja na entrada, suja na saída*. Da mesma forma, a canção *Identidade* desestabiliza o discurso segundo o qual o negro que cresce e se desenvolve em sua vida pessoal, acadêmica e profissional tem alma de homem branco.

Diante do exposto, buscamos expor neste trabalho a situação atual

do negro no Brasil, demarcando o diálogo com vozes do passado, mas, principalmente, demonstrando o papel transformador da linguagem por meio da interação para a construção atual e futura do negro, asseverando o pensamento de Bakhtin-Volochinov contido em Fiorin (2009) de que:

Numa formação social determinada, operam o presente, ou seja, os múltiplos enunciados em circulação sobre todos os temas; o passado, isto é, os enunciados legados pela tradição de que a atualidade é depositária, e o futuro, os enunciados que falam dos objetivos e utopias dessa contemporaneidade. (FIORIN, 2009, p. 30)

Concluimos portanto, que as canções selecionadas para a análise trazem um diálogo com expressões populares em nossa sociedade, no entanto as canções vêm como resposta de protesto a essas expressões, negando o que é exposto por eles, desconstruindo esses enunciados, bem como desestabilizando-os.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas-SP: Unicamp, 2005.

CARVALHO, Ana Paula Comin de et al. *Desigualdade de gênero, raça e etnia*. Curitiba. Intersaberes, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE-MAIA, Newton. *Brasil: laboratório racial*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.

GIL, Gilberto. *A mão da limpeza*. Disponível em: http://www.gilberto.gil.com.br/sec_disco_info.php?id=236&letra. Acesso em novembro de 2018.

MAINGUENEAU, D. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs). *Gêneros: reflexões em Análise do*

Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 43-57

BAKHTIN-VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.